

Uma Análise de Como as Mulheres Vítimas de Femicídios em Rio Branco são representadas nos sites jornalísticos Ac24horas, Contilnet Notícias e G1 Acre

Dr. Francisco Aquinei Timóteo Queirós¹
Gisele da Silva Almeida²
Universidade Federal do Acre - Ufac

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar a representação das mulheres vítimas de feminicídio em matérias nos sites jornalísticos, intitulados de Ac24horas, ContilNet Notícias e G1 Acre, perfazendo os anos de 2015, 2018 e 2024, em Rio Braco, Acre.

Os jornais escolhidos foram selecionados devido as suas grandes repercussões no estado, além de terem em média de 12 a 18 anos de existência. Em relação aos anos, 2015 é o período de quando a Lei do Feminicídio foi criada, 2018 foi considerado um dos anos com a maior quantidade casos – chegou a registrar 14 mortes. Por fim, 2024 é o mais atual para ser analisado.

PALAVRAS-CHAVE: Femicídio; Jornalismo; Mulher; Representação.

1. INTRODUÇÃO

Para entender a gravidade do problema é necessário compreender o contexto em que o Acre sempre se encontrou diante do impasse apresentado. Segundo os dados obtidos pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública, com base nas edições de 2016 a 2024, o Acre sempre esteve entre os primeiros com a maior taxa de feminicídio do país - essa medição é feita com base no número de 100 mil mulheres.

De acordo com os dados mais atuais publicados pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Acre alcançou a 2^o maior taxa de feminicídios do país no ano de

¹ Professor do programa de pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade, da Universidade Federal do Acre (Ufac), email: francisco.queiros@ufac.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade – Universidade Federal do Acre (Ufac), email: gisele.almeida@sou.ufac.br

Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT01NO - Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

2023 – o equivalente a 2,4, empatado com Rondônia e Tocantis. O primeiro lugar é ocupado pelo estado de Mato Grosso, com um índice de 2,5.

De 2018 a janeiro de 2025, o Acre registrou 78 feminicídios e 111 tentativas. É importante acrescentar que 86% eram mulheres negras, 71% delas tinham apenas o Ensino Fundamental incompleto, e mais de 70% deixaram filhos. Os dados foram contabilizados pelo Feminicidômetro - ferramenta desenvolvida pelo Observatório de Gênero do Ministério Público do Acre (MPAC), com o objetivo de promover a transparência, o controle social e subsidiar políticas públicas no enfrentamento aos feminicídios no estado.

A ferramenta também apontou que 90% dos casos que ocorreram neste período são íntimos, e 75% dessas vítimas foram mortas dentro da própria casa. Devido ao ambiente do crime ser a própria casa, mais de 60% dos feminicidas usaram a faca como meio para tirar a vida dessas mulheres.

2. OBJETIVOS:

3.1 Geral:

Analisar a representação das mulheres vítimas de feminicídio em matérias publicadas nos sites de notícias Ac24horas, ContilNet Notícias e G1 Acre, perfazendo os anos de 2015, 2018 e 2024, em Rio Branco, capital do Acre.

3.2 Específicos:

- Entender de que maneiras os fatores sociais, como machismo, patriarcado, desigualdade de gênero podem contribuir para esse crime;
- Encontrar possíveis estereótipos que reforcem a culpabilização da mulher em casos de feminicídios;
- Identificar como a representação dessas mulheres podem formar discursos na construção da opinião-pública.

3. ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A representação com bases nos estudos do sociólogo jamaicano Stuart Hall (2016), é o processo em que os significados são produzidos por meio do uso da linguagem, de signos e imagem “que significam ou representam objetos. Entretanto, esse é um processo longe de ser simples e direto”. (Hall, 2016, p.31).

Tendo em vista que a pesquisa visa abordar como os sites jornalísticos selecionados para análise representam as mulheres vítimas de feminicídios em Rio Branco, é necessário seguir essa definição:

Representação é a produção do sentido pela linguagem. Na representação, argumentam os construtivistas, nós usamos signos, organizados em linguagens de diferentes tipos, para nos comunicar inteligivelmente com os outros. Linguagens podem usar signos para simbolizar, indicar ou referenciar objetos, pessoas e eventos no chamado mundo "real". Entretanto, elas também podem fazer referência a coisas imaginárias e mundos de fantasia ou a ideias abstratas que não são, em nenhum sentido óbvio, parte do nosso mundo material. Não existe uma simples relação de reflexo, imitação ou correspondência direta entre a linguagem e o mundo real. O mundo não é precisamente refletido, ou de alguma outra forma, no espelho da linguagem: ela não funciona como um espelho. O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas. (Hall, 2016, p.53).

4.3 Categorias de análises

De acordo com os assuntos abordados anteriormente, fica claro que o fato mais importante das categorias de análises, é a representação. Hall (2016) explica que esse ato não é uma prática simples, tampouco ‘transparente’, pois são por meio da construção de significados, que as pessoas podem determinar como os fatos serão interpretados.

Dessa forma, além de entender sobre essa representação, visa-se compreender outros termos abordados pelo o autor para que ocorra essa construção de sentidos.

4.3.1 Poder

O poder é extremamente crucial para que a representação seja entregue. Ele é central quando relacionado a produção e circulação de significados Hall (2020). Devido a isso, é necessário entender como os jornais estão fazendo o seu uso.

A circularidade do poder é especialmente importante no contexto da representação. O argumento é que todos - os poderosos e os sem poder - estão presos, embora não de forma igual, na circulação do poder. Ninguém - nem suas vítimas aparentes, nem seus agentes - consegue ficar completamente fora do seu campo de operação. (Hall, 2016, p.21).

A mídia exerce um poder sobre a sociedade, até porque diversos materiais que são publicados nesses meios de comunicação ajuda a população a ter ainda mais percepção sobre determinados assuntos. Durante a construção das matérias sobre os casos de feminicídios, quem são as vozes ouvidas? Como os sites estão utilizando esse poder de veiculação para os mais diversos locais, como essas narrativas são escolhidas para falar sobre essas vítimas?

Além disso, para quem os sites estão entregando esse poder dentro das matérias? De acordo com o monitoramento feito pelo Instituto Patrícia Galvão em relação a essas coberturas em diversas regiões do país, foi observado que existe uma presença marcante da polícia.

A maioria das notícias trata de casos individuais de homicídio de mulheres, com destaque para as violências mais extremas, com abordagem descontextualizada e parcial do assunto, muitas vezes apresentado como uma manifestação de “loucura” ou “doença” ou um descontrole pontual causado por excesso de bebidas ou drogas. (Instituto Patrícia Galvão, 2019)

4.3.2 Estereótipos

A maioria das pessoas estão todos os dias em busca de sites jornalísticos, televisão, redes sociais e dentre outros, para poder entender o que ocorre no mundo ou até mesmo na sua localidade. É um número grande de usuários que gastam tempo lendo, ouvindo, compartilhando, comentando, engajando ou até mesmo assistindo.

Após essas ações, existe um movimento entre essas pessoas. Elas podem sair e comentar com o máximo de sujeitos que puderem, com quem tiver no seu ciclo, seja no trabalho ou em um barzinho na cidade. Aquela informação não vai ficar apenas no meio midiático, alguém sairá e distribuirá de alguma forma para sociedade.

É necessário ter uma atenção e cuidado quando o jornalismo decide abordar ou trazer casos sobre o feminicídio, pois não é um texto comum. O tema de certa forma traz consigo complexidades devido ser um problema de gênero, raça e classe.

Hall explica que quando os estereótipos são utilizados, eles acabam reduzindo, essencializando, naturalizando e mantendo as ideias fixas.

A estereotipagem tende a ocorrer onde existem enormes desigualdades de poder. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído, e um de seus aspectos, de acordo com Dyer, é o etnocentrismo - "a aplicação das normas da própria cultura para a dos outros" (Brown, 1965: 183). Novamente, lembre-se do argumento de Derrida: entre oposições binárias como Nós/Eles, "não estamos lidando com (...) uma coexistência pacífica (...), mas sim com uma hierarquia violenta. Um dos dois termos governa (...) o outro, ou tem a primazia". (Derrida *apud* Hall, 2016, p.193)

Os estereótipos acabam entrando no campo da representação, pois podem acabar legitimando a forma de como os assuntos serão interpretados. Como por exemplo: 'aquela mulher gosta de apanhar', 'não largou porque não quis', 'estava bebendo', 'era atrevida', 'mereceu por que traiu', 'fez por onde'.

Em relação aos conteúdos sobre feminicídio que vêm sendo produzidos e divulgados pela mídia, muitas vezes surgem estereótipos sobre papéis e comportamentos socialmente esperados das mulheres e que são usados para inverter a culpa pelo crime, colocando sobre as vítimas a responsabilidade pela violência que sofreram quando elas não se enquadram nesses estereótipos. (Instituto Patrícia Galvão, 2019)

Além disso, é necessário lembrar que no jornalista pode falhar em diversos aspectos na construção desses casos, principalmente na falta de apuração, delimitação do tema, falta de dados, canais de ajuda, ademais estereótipos que se criam sobre as mulheres mortas por feminicídios, fazendo com que sejam revitimizadas.

4.3.3. Fetichismo

Outro fato abordado por Hall nos estudos referentes a representação, é a respeito do fetichismo. [...] “substituição do todo pela parte, de um sujeito por uma coisa - um objeto, um órgão, uma parte do corpo - é o efeito de uma prática representacional muito importante, o fetichismo” (Hall, 2016, p.205).

Para entender ainda mais essas definições, o autor usa na obra um exemplo da Saarje Baartman, conhecida como “Vênus Hotentote”.

"Vênus Hotentote" foi submetida a uma forma extrema de reducionismo - uma estratégia que muitas vezes é aplicada à representação dos corpos de mulheres de qualquer raça, especialmente na pornografia. As "partes" dela que foram preservadas funcionavam, de forma essencializadora e reducionista, como "um resumo patológico do indivíduo inteiro". (Gilman *apud* Hall, 2016, p.205).

É possível observar que no fetichismo dar ênfase de forma exagerada em aspectos sensacionalistas, e ao mesmo tempo ignora outras questões que são mais importantes para discussão necessária. No exemplo citado, mostra-se um foco excessivo nas partes dessas mulheres, no que sera ‘diferente’, e com isso a tornava uma forma de objetificação.

A definição pode ser analisada nas matérias publicadas sobre feminicídio, em que o foco das matérias em muitos momentos não é trazer os reais problemas que aquilo acarreta, mas de tornar o caso mais engajado. Por isso que é notório que algumas publicações detalhem a violência, brutalidade que aquela mulher enfrentou, quantidade de facadas nas manchetes, mais descrições da agressão dentro do texto, além de alguns veículos publicarem fotos ou vídeos que ajudem ainda mais nesse ‘foco excessivo’. “[...] quanto menos detalhes houver sobre o caso, maior o detalhamento da cena do crime e do estado do corpo, inclusive por meio de imagens.” (Instituto Patrícia Galvão, 2019).

Ao mesmo tempo que isso ocorre, vale lembrar que outras partes podem está sendo reduzidas. Pois não se discute os problemas que levaram aquele crime, como a desigualdade de gênero ou a cultura do patriarcado. Além disso, mostrar que não existe apenas a violência física, pois é possível observar que muitas delas em alguns casos enfrentavam a violência psicológica, moral ou patrimonial – tem também a sexual.

Para fazer o espetáculo ou disputar a audiência, parte da cobertura tende a focar suas narrativas na exploração de uma ‘história de amor’ com final trágico, de um momento de loucura provocado pela vítima ou de um crime ‘monstruoso’ cometido por um ser anormal e cruel, que mata com requintes de perversidade e mutila e destroça o corpo. (Instituto Patrícia Galvão, 2019).

É importante ressaltar que noticiar o crime não é o suficiente, pois o assunto necessita de uma maior discussão, procurando entender não somente o fato naquele momento em que a mulher foi morta, mas buscar informações que podem problematizar antes dela ter sido morta. “(...) É necessário estabelecer uma conexão com os aspectos socioculturais envolvidos, como noções de desigualdade de direitos e sentimentos como posse, controle e direito sobre o corpo e a vida das mulheres”. (Instituto Patrícia Galvão, 2019).

Outro fator que não pode ser esquecido nesse trabalho, é os estudos sobre gênero com base na teórica Judith Butler. Pois segundo a autora, a definição não gira em torno de que nascemos com o gênero, mas é um conjunto de ações que as pessoas tendem a fazer todos os dias.

“O gênero não é inscrito no corpo passivamente, nem é determinado pela natureza, pela linguagem, pelo simbólico, ou pela história asseverante do patriarcado. O gênero é aquilo que é assumido, invariavelmente, sob coação, diária e incessantemente, com inquietação e prazer. Mas, se este ato contínuo e confundido com um dado linguístico ou natural, o poder e posto de parte de forma expandir o campo cultural, tornado físico através de performances subversivas de vários tipos” (Butler, 2011, p. 87).

Todos os veículos selecionados para a devida análise possuem mais de 10 anos de existência. O Ac24horas é o site mais antigo com pouca diferença dos demais, ele possui mais de 15 anos, a Contil Notícias com um pouco mais de 14, e o G1 Acre sendo o último a ser criado no Acre, com 12 anos de existência.

A informação sobre há quanto tempo foram criados é importante, pois um dos períodos escolhidos para a análise é o de 2015 – ano que a Lei do Feminicídio nº 13.104/2015 foi criada. Pois se eles tivessem menos de 10 anos, não seria possível realizar uma análise mais completa dessas matérias.

A investigação de como os jornais reagiram após a criação da lei é necessário para entender se eles conseguiam abordar isso nas matérias, se começou a ser utilizado nas

matérias, se houve a mudança no momento das publicações, ou se mesmo após esse período de aprovação, houve-se um apagamento ou silenciamento do termo.

REFERÊNCIAS

A LEI DO FEMINICÍDIO NO BRASIL - DIRETO AO PONTO. [Vídeo]. YouTube, 19 fev. 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I9hFNmeKv1g>. Acesso em: 19 fev. 2025.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2018. Homicídios de mulheres e feminicídios (1) Brasil e Unidades da Federação – 2016-2017. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2019/03/Anuario-Brasileiro-deSeguranc%CC%A7a-Pu%CC%81blica-2018.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2023.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2023. Homicídios de mulheres e feminicídios (1) Brasil e Unidades da Federação – 2021-2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wpcontent/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 15 agosto 2023.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO (org.). **Feminicídio #InvisibilidadeMata.** [S.l.: s.n.], 2017.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Ana. **Feminicídio: aprovação de projeto é avanço na luta das mulheres.** [S. l.], 8 mar. 2015. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2015-03/aprovacao-do-feminicidio-e-avanco-na-luta-das-mulheres-dizem>. Acesso em: 19 fev. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro; PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HISTÓRIA MAL CONTADA: os feminicídios na cobertura jornalística – [Videodocumentário]. 1 Vídeo. (27min21s). Publicado pelo canal Grupo Transverso. 15 de abri. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=puwlnRp1HWE>. Acesso em: 25 de jan. 2025.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê Feminicídio – Qual o papel da imprensa?** Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/qual-o-papel-da-imprensa/> Acesso em: 25 jan 2025.

Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT01NO - Cidadania Comunicativa e Narrativas Emancipatórias, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **O que é feminicídio?**. [S. l.], 14 jul. 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/feminicidio/capitulos/o-que-e-feminicidio/>. Acesso em: 19 fev. 2025.

LEBRE, Victor. **Acre teve 2º maior índice de feminicídios do país em 2023, aponta relatório**. [S. l.], 8 mar. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2024/03/08/acre-teve-2o-maior-indice-de-feminicidios-do-pais-em-2023-aponta-relatorio.ghtml>. Acesso em: 19 fev. 2025.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ACRE. Observatório de Violência de Gênero: **Feminicidômetro**. [S. l.], 10 mar. 2021. Disponível em: <https://feminicidometro.mpac.mp.br/>. Acesso em: 19 fev. 2025.